

## A VINGANÇA DO PIAUÍ

O Deputado Hugo Napoleão, ao avaliar, em discurso de 19 de março de 1980, a dimensão histórica da vida e obra do homem público Petrônio Portella, sentenciou que “na aparente ausência, a morte agigantou-lhe a presença.”

Decorridos quatro anos de sua morte prematura, o homem que recomendava “não usar o incenso que embriaga, mas a verdade que retifica e esclarece”, provou que “não há eloquência maior, que toque mais e encante e convença que a do exemplo.”

Em verdade, de sua vida pública, qualquer faceta que se lhe examine, aflora, límpida, a força dominadora do exemplo, que ele, como ninguém, soube oferecer na trajetória de sua carreira política, rica de profundas inspirações e de atitudes de ousada grandeza e cristalina honradez.

“Poucos, talvez – diria o Senador Helvídio Nunes – tivessem a coragem e a grandeza que ele soube esbanjar, às vezes perdulariamente.”

Tinha realmente “um destino indissociável da luta”, pois, nascido no Piauí, retrato falado e vivido do que de mais pobre a pobreza do Nordeste ostentava, forçoso era superar a si mesmo, para que, agigantando-se, a ele pudesse o seu Estado nivelar-se.

Dir-se-ia que, sem espírito de vingança, vingou o Piauí e o fez destinatário da reverência da Nação.

“Telúrico, como sua gente; universal, como homem de Estado”, testemunha o Deputado Flávio Marcílio.

De fato, ninguém mais piauiense e, ao mesmo tempo, ninguém mais universal.

Na longa e difícil caminhada da província para o alto plano das grandes decisões nacionais, jamais abandonou o Piauí nem os piauienses. Ao contrário, transformava cada picada que abria, cada horizonte que descortinava, cada degrau que subia, numa vitória de seu Piauí, como se, por uma obstinada determinação histórica, estivesse a cumprir a missão de redimi-lo de séculos e séculos de abandono e isolamento.

É ele mesmo quem o confessa:

“Quando recolho algumas vitórias não as guardo como por mim conquistadas, mas como sendo de quem, em mandatos sucessivos de confiança, me proporcionou os instrumentos, como a

têmpera que arma, a fé que sustenta e a inspiração que descobre os melhores caminhos – o Piauí.”

E mais:

“O homem da terra, compulsivamente, em mim grita. Sou o que a terra de mim fez e, por isso, a ela me entreguei, alheio a tudo, a gloriólas que entorpecem, às honrarias que enganam. Sinto em mim a autenticidade do piauiense que nunca olvidou os vínculos.”

Preso às raízes da terra-berço, realizou, no entanto, a síntese da universalidade, por crer nos valores do humanismo, na superioridade do espírito, na força do amor e da virtude, no primado da cultura, e os viveu num ato continuado de incondicional doação.

No dizer do Senador Henrique La Rocque, “para ele, a cidadania, antes de ser um direito político, era uma disposição humanística para a vida.”

Daí a sua entrega, de corpo e alma, à tarefa, por vezes incompreendida, de busca peregrina do desarmamento dos espíritos e da comunhão nacional, para a construção de instituições justas e democráticas, a cujo desvelo, engenho e arte a consciência do País credita o êxito da abertura política.

Arquiteto da abertura, foi, segundo o General Golbery do Couto e Silva, falando pela Nação, “a mais alta expressão política do cenário nacional, nestes últimos anos.”

Mas não se limita aí a sua ação.

Numa “associação espontânea e natural entre a atividade política e a cultural”, executou, na presidência do Senado, amplo e arrojado programa editorial, que, no testemunho insuspeito do historiador José Honório Rodrigues, ‘representa, em seu conjunto, uma afirmação de crença do Senador Petrônio Portella no poder das idéias, no valor da cultura, de fé na inteligência do País.”

A grandeza de sua obra cultural lhe valeu a concessão da Medalha Machado de Assis, pela Academia Brasileira de Letras, em 1973.

Por sua devoção aos valores do espírito, a Academia Piauiense de Letras, embora morto, o fez imortal, numa feliz iniciativa do mestre A. Tito Filho.

Eis o homem que estamos a homenagear, com o lançamento do livro de Osvaldo Lemos e do programa editorial que leva o seu nome – o Projeto Petrônio Portella.

“PETRÔNIO PORTELLA – Depoimentos à história”, cuja publicação a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo teve a

honra de patrocinar, reúne opiniões várias sobre a personalidade marcante do maior dos piauienses.

O Projeto Petrônio Portella, prova do apreço que temos pela intelectualidade do Piauí e da nossa confiança na sua capacidade de pesquisar e criar, destina-se a estimular a produção literária e a editar obras de autores piauienses ou que reflitam aspectos de nossa paisagem, de nossa vida, de nossa história, de nossa cultura.

A convergência de tantos órgãos e entidades que o financiam, se dá idéia da preocupação do governo com a afirmação de nossa identidade cultural, reflete o espírito de coesão, de soma, de unidade, que Petrônio Portella soube inspirar, de forma envolvente e arrebatadora.

Para quem, como Petrônio, se identificou tão profundamente com a cultura e a intelectualidade piauiense; para quem dizia, como ele, que “as honrarias valem, quando ratificam ou consolidam vínculos profundos”, a homenagem que o Governo Hugo Napoleão ora lhe presta, tornando-o patrono de tão ousado programa cultural, é da maior eloquência e significação, por reverenciar-lhe a memória e o exemplo.

Assim, ele nos fortalece muito mais.

(Discurso do Dep. Jesualdo Cavalcanti, então Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, no lançamento do Projeto Petrônio Portella, no Palácio de Karnak, em 06.01.1984)